

Idiosincrasia, mimese e antissemitismo em “Dialética do Esclarecimento”

Virginia Helena Ferreira da Costa

Doutoranda pela Universidade de São Paulo (USP) - Bolsista CNPq

virginiahelena.costa@gmail.com

Resumo: Nosso intuito no presente artigo é relacionar alguns conceitos que aparecem no capítulo “Elementos de antissemitismo” da obra “Dialética do Esclarecimento” de Horkheimer e Adorno, tais como a mimese, paranoia, antissemitismo e idiosincrasia. Inicialmente, trataremos da falsa projeção – ou mimese da mimese – no processo de antissemitismo por meio da proto-história biológica representada pela teoria freudiana. Tal relação dominadora com a alteridade como projeção é apresentada, na sequência, juntamente ao modelo paranoico de estrutura psíquica. Com isso, chegamos ao nosso objetivo principal, a saber, mostrar como os autores retiram a ênfase do judeu propriamente dito e a concentram no desenvolvimento e individuação do ser humano preconceituoso no esclarecimento. Assim, o antissemitismo não seria interpretado como uma situação isolada, mas seria entendido como o momento limite do processo de formação de uma racionalidade destruidora.

Palavras-Chave: Mimese, antissemitismo, projeção, idiosincrasia, paranoia.

Abstract: *Our aim in this article is to relate some concepts that appear in the chapter “Elements of anti-Semitism” of the Horkheimer and Adorno’s book “Dialectic of Enlightenment”, such as mimesis, paranoia, anti-Semitism and idiosyncrasy. Initially, we will address the false projection - or mimesis of mimesis - in antisemitism process through a biological proto-history represented by the Freudian theory. Such domineering relationship with otherness as a projection is presented in a parallel with the paranoid model of psychic structure. Thereby, we reach our main objective, namely, to show how the authors remove the Jewish emphasis and focus on the development and individuation of prejudiced human beings in the enlightenment. Thus, the anti-Semitism would not be interpreted as an isolated situation, but would be understood as a border moment on the formation process of a destructive rationality.*

Keywords: *Mimesis, anti-Semitism, projection, idiosyncrasy, paranoia.*

Introdução

A “Dialética do Esclarecimento” (*Dialektik der Aufklärung* ou DdA) é um livro indispensável em muitos sentidos. Desde o primeiro – e árduo – contato com a obra, o leitor já sabe que seu entendimento sobre a história da filosofia foi irremediavelmente alterado. Sendo o resultado do “projeto sobre a dialética” almejado há anos por Horkheimer, a produção de DdA conta ainda com a participação de Marcuse, Neumann, Pollock e principalmente Löwenthal (este último que foi co-autor dos “Elementos de Antissemitismo”) que visitaram os autores Horkheimer e Adorno na Califórnia – o refúgio norte-americano onde o livro foi majoritariamente concebido entre 1941 e 1944.

O objetivo geral do livro, a saber, entender “porque a humanidade, ao invés de entrar em um estado verdadeiramente humano, está se afundando em uma nova espécie de barbárie”¹, poderia nos levar a pensar que a obra trata somente do nazi-fascismo – do qual os autores judeus fugiram às pressas em direção ao Novo Mundo. Nada mais equivocado. A amplitude dos temas debatidos é enorme e muito diversa, todos eles escrito em um estilo minuciosamente produzido para desafiar a conceituação filosófica e a reflexão do leitor. Pensemos, por exemplo, na ousadia da crítica feita sobre toda a história ocidental abrangida na obra – desde *A Odisseia* até o capitalismo monopolista –, além da relação entre o contexto sócio-político moderno e uma

¹ ADORNO e HORKHEIMER, “Dialética do Esclarecimento”, p. 11.

preocupação com o meio ambiente que, produzida na década de 1940, mostra seu ineditismo sem precedentes. Ao mesmo tempo, os autores atingem o cerne da filosofia clássica ao atualizarem um debate feito desde o “Mito da caverna” de Platão – ao questionarem a percepção da realidade, a cognição e a reflexão humanas –, mas no contexto do moderno *sapere aude* como expoente do esclarecimento redigido sob as penas de Kant e sua teoria da “heteronomia X autonomia da razão”.

Por isso, dar conta de todos os temas fornecidos por DdA seria impossível. O recorte principal que guiou a produção de nosso texto trata, então, da crítica à racionalidade instrumental vinculada ao sujeito moderno que reduz a compreensão do mundo a objetos manipuláveis segundo um posicionamento determinado pelo que denominamos antropologia freudiana. Entendemos que os autores de Frankfurt tomaram de Freud a explicação metapsicológica do funcionamento psíquico baseado na movimentação de pulsões orientadas para a autoconservação e transformaram-na em uma característica própria da natureza humana. Nesse âmbito, seria precisamente para fugir de uma condição inescapável de desamparo e sofrimento que a reação psicológica do ser humano leva a uma relação intrínseca entre racionalidade e dominação, vinculando conhecimento e interesse na realização da satisfação pulsional. A necessária submissão, para a própria sobrevivência humana, das pulsões como natureza interna teria levado o sujeito moderno a dominar também a natureza externa por uma identificação ao eu realizada por projeção e destruição. A nosso ver, é justamente a arqueologia ou gênese da racionalidade do eu provida pela teoria de Freud que forneceria a unidade crítica que permite relacionar os tão diferentes temas que compõem DdA:

Seja como for, a ideia defendida aqui é a de que são teses antropológicas derivadas de Freud que permitem vislumbrar a real identidade argumentativa e crítica do livro e de que essa apropriação de Freud por Horkheimer e Adorno se dá como incorporação da arquitetônica pulsional em novos termos. Nesse caso, a própria constelação de elementos fundamentais que compõem essa apropriação é igualmente freudiana. É dessa constelação que se trata aqui².

Assim, com o conceito de projeção explicado por Freud, o objeto torna-se um reflexo do sujeito, passível de dominação. É neste âmbito que Horkheimer e Adorno relacionam as pulsões (entendidas como natureza interna) e a mitologia, fato que transfere a dialética entre o mito e o esclarecimento para o interior do próprio eu (*Ich*). Como exemplificação maior dessa constituição subjetiva, os autores de DdA apresentam Ulisses como o herói do esclarecimento

² NOBRE; MARIN, “Uma nova antropologia. Unidade crítica e arranjo interdisciplinar na Dialética do Esclarecimento”, p. 110.

que se reverte em mitologia, negando a mimese e instaurando, contrariamente, a mimese da mimese ou a falsa projeção. Tal reversão da mimese em dominação é o que permite estabelecer, aos nossos olhos, uma relação direta entre o Ulisses e o antissemita. Como lemos em uma carta de Horkheimer a Pollock de 1943:

Nós tínhamos resolvido que esse trabalho deveria ser feito porque a Odisséia [sic] é o primeiro documento sobre a antropologia do homem no sentido moderno, isto é, no sentido de um ser racional e esclarecido. O que esse estudo vai nos ensinar terá, portanto, um certo valor para o projeto [do antissemitismo], já que a idéia [sic] de sacrifício ritual que Ulisses tenta superar desempenhará, provavelmente, um papel essencial na psicologia do anti-semitismo [sic] (carta de Horkheimer a Pollock, de 20 de março de 1943)³.

Assim, contrariamente ao que diversos comentadores afirmam recorrendo ao contexto histórico da Segunda Guerra Mundial no qual os autores se encontravam envolvidos, para nós a exposição do antissemitismo não parece ser o centro da produção de DdA, mas a consequência de uma explicação genético-antropológica que, é sempre bom insistir, encontra a sua raiz na teoria freudiana.

1 As diversas mimeses e a projeção

Um conceito presente em DdA mostra ser a chave da explanação sobre o tema do antissemitismo na obra: a mimese, noção utilizada por Horkheimer e Adorno de formas múltiplas e que é considerada chave para a explicação de temas estéticos na obra adorniana. Queremos deixar claro, desde agora, que a mimese será retratada, nas linhas que seguem, em alguns de seus diversos aspectos: mimese como a racionalidade mítica a ser rejeitada pelo esclarecimento, o que leva à fixidez da racionalidade esclarecida e, com isso, ao retorno da mimese como a mimese do morto; e, por fim, o debate da “mimese da mimese” ou mimese como falsa projeção desenvolvida pelo antissemita:

Como observaram vários comentadores, o conceito de mimesis sofre uma transformação instigante no decorrer do livro, isto é, no caminho que leva da análise da Odisséia [sic] aos "Elementos de anti-semitismo" [sic]. Ele fornece, pois, a chave para entender tanto a rejeição da magia mimética pela razão esclarecida como também a possibilidade — mais do que isso, a probabilidade — do ressurgimento de comportamentos míticos, miméticos e identificatórios, de comportamentos irracionais e acrílicos, num contexto histórico tão "evoluído" quanto a Alemanha da República de Weimar⁴.

³ HORKHEIMER apud WIGGERSHAUS, “A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política”, p. 354.

⁴ GAGNEBIN, “Lembrar, escrever, esquecer”, p. 67-8.

No paralelo entre a ontogênese e a filogênese, a mimese infantil, como imitação da alteridade no desenvolvimento e constituição de si mesmo, seria um dos fenômenos primordiais na aprendizagem da criança, principalmente na fase pré-edípica explicitada pela teoria freudiana à qual Horkheimer e Adorno recorrem. No entanto, na medida em que cresce, a criança é incentivada a abandonar a imitação a favor da racionalidade. De modo similar, na fase mítica, a relação dos seres humanos com a natureza teria sido marcada pela característica mimética, isto é, pela “adaptação orgânica ao outro”⁵. O esclarecimento, momento da dominação oposta à mimese originária, tratou não só de substituí-la pela racionalidade instrumental, como trabalha continuamente para evitar que o ser humano tenha “recaído em modos de vida miméticos”⁶, quer dizer, que ele se volte ao prazer ligado à pulsionalidade, antes desta ser controlada pela fixidez do eu:

Toda diversão, todo abandono tem algo de mimetismo [*Mimikry*]. Foi se enrijecendo contra isso que o ego se forjou. É através de sua constituição que se realiza a passagem da mimese refletora para a reflexão controlada [*Übergang von reflektorischer Mimesis zu beherrschter Reflexion*]. A assimilação física da natureza é substituída pela “reconhecimento no conceito”, a compreensão do diverso sob o mesmo, o idêntico.⁷

Tal fixidez do eu, que age dominando a alteridade sob o signo da unidade subjetiva, encontra na passagem de Ulisses pelas sereias o seu momento emblemático: atado e sem conseguir se movimentar, o herói representa justamente a negação do próprio corpo ágil, substituindo-lhe por um corpo inerte, paralisado, isto é, morto. Nesse sentido, Horkheimer e Adorno lembram que tal fixidez do eu acaba retornando à etapa mítica, mas com uma importante modificação: a mimese não seria mais da natureza em geral, mas seria exclusivamente a mimese do que está morto. Da mesma forma como o mito foi substituído pelo esclarecimento, mas este acabou retornando ao mito pela cíclica repetição do mesmo, podemos também dizer que a mimese, substituída pela racionalidade, também acabou retornando como mimese da morte. Seguindo tal pensamento, é possível dizer que a racionalidade não se opõe completamente à mimese, mas representa “a imposição sem contestações da ‘mimese de morte’ por sobre a ‘mimese de vida’.”⁸ Nas palavras de Horkheimer e Adorno:

A *ratio*, que recalca a mimese [*die Mimesis verdrängt*], não é simplesmente seu contrário. Ela própria é mimese: a mimese do que está morto. O espírito subjetivo que exclui a alma da natureza só domina essa natureza privada da alma imitando sua rigidez

⁵ HORKHEIMER; ADORNO, “Dialética do Esclarecimento”, p. 149.

⁶ HORKHEIMER; ADORNO, “Dialética do Esclarecimento”, p. 149.

⁷ HORKHEIMER; ADORNO, “Dialética do Esclarecimento”, p. 149.

⁸ NOBRE; MARIN, “Uma nova antropologia. Unidade crítica e arranjo interdisciplinar na Dialética do Esclarecimento”, p. 119.

e excluindo-se a si mesmo como animista. A imitação se põe ao serviço da dominação na medida em que até o homem se transforma num antropomorfismo para o homem. O esquema [*Das Schema*] da astúcia ulissiana é a dominação da natureza mediante essa assimilação⁹.

Considerando o exposto, os autores dão mais um passo na explicitação do conceito de mimese: se a mimese é o movimento de aproximação com a natureza em que o sujeito imita, assimila o outro, mesmo que este outro seja algo morto, fazer o outro parecer consigo, seria, por sua vez, a mimese da mimese, reverso da mimese genuína, ou ainda, falsa projeção:

Só a mimese se torna semelhante ao mundo **ambiente**, a falsa projeção torna o mundo ambiente semelhante a ela. Se o exterior [*Außen*] se torna para a primeira o modelo ao qual o interior [*Innen*] se ajusta, o estranho tornando-se o familiar [*das Fremde zum Vertrauten*], a segunda transpõe o interior prestes a saltar para o exterior e caracteriza o mais familiar como algo de hostil [*prägt noch das Vertrauteste als Feind*]¹⁰.

Para analisarmos melhor a noção de falsa projeção, lembremos que tanto para Freud quanto para os autores de DdA, em um certo sentido, conhecer é projetar. Ou seja, um certo grau de projeção de si nas figuras do exterior é necessário para o próprio conhecimento humano, sendo considerado normal e comum. Contudo, a projeção difere da sua versão falsa pela falta de diferenciação do que constituem elementos provenientes de si mesmo e da empiria. Na versão da projeção considerada sadia, aprende-se, por comparação, verificação e pelo “exame de realidade”, a se questionar e, por fim, distinguir, ao menos de forma geral, o interior do exterior. Concebendo que por vezes ocorrem confusões pontuais e arbitrariedades em tal operação de discernimento da projeção sadia, podemos dizer, então, que a diferenciação desta em relação à projeção absoluta, não-verificada e, portanto, falsa, é apenas de grau:

o patológico no antissemitismo não é o comportamento projetivo enquanto tal, mas a ausência da reflexão que o caracteriza [*der Ausfall der Reflexion darin*]. Não conseguindo mais devolver ao objeto o que dele recebeu, o sujeito não se torna mais rico, porém, mais pobre. Ele perde a reflexão nas duas direções: como não reflete mais o objeto, ele não reflete mais sobre si e perde assim a capacidade de diferenciar [*die Fähigkeit zur Differenz*]¹¹.

2 O modelo paranoico de racionalidade

A psicopatologia que simboliza a projeção sistemática e irreflexiva caracterizada acima seria, segundo os autores, a paranoia. Afirmar que a falsa projeção seria próxima ao delírio paranoico é defender que, enquanto o neurótico não consegue realizar plenamente seus anseios

⁹ HORKHEIMER; ADORNO, “Dialética do Esclarecimento”, p. 55.

¹⁰ HORKHEIMER; ADORNO, “Dialética do Esclarecimento”, p. 154.

¹¹ HORKHEIMER; ADORNO, “Dialética do Esclarecimento”, p. 156.

narcísicos, o paranoico, por sua vez, faz do narcisismo a sua principal característica. Freud se refere ao narcisismo muitas vezes em sua obra e o sentido que dá a essa concepção depende dos diferentes avanços conceituais feitos ao longo de sua trajetória teórica. De forma geral, podemos dizer que narcisismo é a situação em que o eu toma a si mesmo como objeto da pulsão sexual. Dentre os muitos entendimentos envolvendo essa descrição conceitual, pensemos que o narcisismo designa um tipo de meio unívoco de existência pulsional, em que, tal como uma ameba, o eu absorveria os elementos diferentes de si no interior de si mesmo, criando um espaço homogêneo de existência exclusivamente subjetiva. Assim, o narcísico “incha e se atrofia ao mesmo tempo. Ele dota ilimitadamente o mundo exterior de tudo aquilo que está nele mesmo.”¹² O paranoico, por conseguinte, seria narcísico exatamente por negar no interior da sua estrutura psíquica uma diferença fundamental – que, para Freud, é a diferença entre os sexos, verdadeira criação de um ambiente interno homossexual –, projetando esta recusa na exterioridade e conseguindo, com isso, um ambiente interno sem oposições ou rupturas. Como um tipo de falsa cura contra a situação neurótica de cisão interna, a estrutura narcísica do paranoico envolve, então, a anulação de todos os elementos negativos que levam à diferença interior, além da projeção desta negação na alteridade, o que promove um abismo delirante de conflito, desconfiança, ameaça e perseguição entre o paranoico e o outro. Como lemos em DdA:

Segundo a teoria psicanalítica, a projeção patológica consiste substancialmente na transferência [*Übertragung*] para o objeto dos impulsos socialmente condenados do sujeito. Sob a pressão do superego, o ego projeta no mundo exterior [*Außenwelt*], como intenções más, os impulsos agressivos [*Aggressionsgelüste*] que provêm do id [*Unter dem Druck des Über-Ichs projiziert das Ich die vom Es ausgehenden*] e que, por causa de sua força, constituem uma ameaça para ele próprio. Deste modo, consegue livrar-se deles como uma reação a esse mundo exterior, seja imaginariamente pela identificação com o pretensu vilão, seja na realidade sob o pretexto de uma legítima defesa¹³.

Essa hipostasiação do sujeito paranoico, como falta da limitação da racionalidade falsamente projetiva do eu, é considerada em DdA principalmente pela via da crítica da percepção e do conhecimento. Se para Horkheimer e Adorno “a paranoia é a sombra do conhecimento”¹⁴ é porque, pela indistinção entre pensamento e realidade produzida pela falsa projeção, nessa estrutura psíquica encontramos a autonomia das ideias em relação aos objetos empíricos, o que resulta em julgamentos aleatórios, vinculados exclusivamente às resoluções pulsionais. Eis como os autores descrevem o narcisismo do sujeito de conhecimento:

¹² HORKHEIMER; ADORNO, “Dialética do Esclarecimento”, p. 156.

¹³ HORKHEIMER; ADORNO, “Dialética do Esclarecimento”, p. 158.

¹⁴ HORKHEIMER; ADORNO, “Dialética do Esclarecimento”, p. 161.

Como todo paranoico, ele se aproveita da hipócrita identidade entre a verdade e a sofisticada; sua separação [*Trennung*] é tão rigorosa, quanto difícil de se impor. A percepção só é possível na medida em que a coisa já é percebida como determinada [*Wahrnehmung ist nur möglich, insofern das Ding schon als bestimmtes*], por exemplo, como pertencendo a uma espécie. Ela é a imediatividade mediatizada, o pensamento com a força da sedução da sensibilidade [*Sie ist vermittelte Unmittelbarkeit, Gedanke in der verführerischen Kraft der Sinnlichkeit*]. O elemento subjetivo é cegamente introduzido por ela na aparente autoadoção do objeto [*Subjektives wird von ihr blind in die scheinbare Selbstgegebenheit des Objekts verlegt*]¹⁵.

A projeção de elementos negativos como meio de defesa narcísica procura, então, por uma explicação sistemática em que nada escapa à causalidade costurada pelo delírio. Todo o elemento desconhecido e, por isso, ameaçador, é inserido em uma cadeia de explanação cujo sentido é fornecido somente pela racionalidade do paranoico. Nenhuma elucidação externa a tal sistema é aceita, havendo um tipo de naturalização do quadro narrativo do delírio como explicação da realidade. Muito próxima à racionalidade esclarecida, entendemos como “a fraqueza do paranoico é a fraqueza do próprio pensamento”¹⁶ que não consegue se afastar criticamente das projeções feitas pela sua própria racionalidade dominadora que cria elementos supostamente perigosos onde eles só são, na verdade, desconhecidos.

3 Elementos de antissemitismo: a idiosincrasia como problema central

Considerando os aspectos aqui expostos em relação aos paranoicos, Horkheimer e Adorno aproximam-nos do antissemita. Ao descrevê-lo, os autores nos mostram como há uma espécie de reação corporal do antissemita contra o judeu, como se o sujeito preconceituoso sentisse uma “alergia” irresistível, quase inevitável, contra certas peculiaridades físicas ligadas ao cheiro, aos gestos e entonações, formas corporais, traços característicos do outro. Para os autores,

Os motivos a que responde a idiosincrasia remetem às origens [*Herkunft*]. Eles reproduzem momentos da proto-história biológica [*Sie stellen Augenblicke der biologischen Urgeschichte her*]: sinais de perigo cujo ruído fazia os cabelos se eriçarem e o coração cessar de bater. Na idiosincrasia, determinados órgãos escapam de novo ao domínio do sujeito; independentes, obedecem a estímulos biológicos fundamentais. O ego [*Ich*] que se apreende em reações como as contrações da pele, dos músculos e dos membros não tem um domínio total delas¹⁷.

Tais idiosincrasias percebidas seriam o resultado de conteúdos miméticos que foram negados em si e projetados no outro, e que, por isso, só podem ser sentidos pelo antissemita na forma de

¹⁵ HORKHEIMER; ADORNO, “Dialética do Esclarecimento”, p. 159.

¹⁶ HORKHEIMER; ADORNO, “Dialética do Esclarecimento”, p. 160.

¹⁷ HORKHEIMER; ADORNO, “Dialética do Esclarecimento”, p. 149.

ódio e conseqüente tentativa de aniquilamento. Assim, uma vez que o antissemitismo é caracterizado como uma espécie de ódio corporal voltado contra a idiosincrasia, tal comportamento sócio-histórico seria aproximado da biologia e da interpretação da teoria freudiana como antropologia, como resultado do retorno de um conteúdo mítico-pulsional que foi recalcado pela racionalidade esclarecida. Com isso, a mimese como falsa projeção representaria o retorno tanto da realização pulsional e sexual recalcada, como também a revivescência do perigo de aniquilamento do eu pelo desconhecido. Irrupendo como força destrutiva, a mimese recalcada precisa, novamente, da defesa do eu:

se, no interior da lógica, o conceito cai sobre o particular como algo de puramente exterior, com muito mais razão, na sociedade, tudo o que representa a diferença tem de tremer. As etiquetas são coladas: ou se é amigo, ou inimigo¹⁸

Nesse contexto em que a falsa projeção aparece como o sintoma do esclarecimento, a mimese que retorna de forma distorcida é o pretexto para o ódio antissemita. Por conseqüência, mesmo o resíduo mítico que não se deixa dominar pela racionalidade esclarecida e retorna como falsa projeção acaba, por fim, manipulado mais uma vez, já que é transformado na aniquilação do judeu. Por isso,

O fascismo também é totalitário na medida em que se esforça por colocar diretamente a serviço da dominação a própria rebelião da natureza reprimida contra essa dominação. [*Rebellion der unterdrückten Natur gegen die Herrschaft unmittelbar der Herrschaft nutzbar zu machen strebt*]¹⁹.

Além do deslocamento da agressão pela projeção dos traços míticos negados em si, o antissemita também racionaliza o ódio. Tal como no caso da paranoia, o antissemita forja um sistema explicativo como desculpa para o preconceito, explicações que se aproximam da irracionalidade, uma vez que não se sustentam diante de uma reflexão mínima. Por isso a dificuldade que encontramos ao tentarmos debater com o antissemita, uma vez que argumentos não conseguem aplacar o sofrimento, angústia e desamparo que se encontram na base de desenvolvimento de sua racionalidade:

Se um mal tão profundamente arraigado na civilização não encontra sua justificação no conhecimento, o indivíduo também não conseguirá aplacá-lo, ainda que seja tão bem-intencionado quanto a própria vítima. [*Wenn einem der Zivilisation so tief innewohnenden Leiden sein Recht in der Erkenntnis nicht wird, vermag es auch der Einzelne in der Erkenntnis nicht zu beschwichtigen, wäre er auch so gutwillig wie nur das Opfer selbst*] Por mais corretas que sejam, as explicações e os contra-argumentos racionais, de natureza econômica e política, não consegue fazê-lo, porque a

¹⁸ HORKHEIMER; ADORNO, “Dialética do Esclarecimento”, p. 166.

¹⁹ HORKHEIMER; ADORNO, “Dialética do Esclarecimento”, p. 152.

racionalidade ligada à dominação está ela própria na base do sofrimento [*die mit Herrschaft verknüpfte Rationalität liegt selbst auf dem Grunde des Leidens*]²⁰.

Conclusão

Como podemos ver, Horkheimer e Adorno invertem o polo da vitimização: ao invés de mostrarem os judeus como as vítimas do antissemitismo entendido como problema delimitado socialmente, os autores se preocupam em exibir como o sofrimento começa com o próprio sujeito preconceituoso que, com seu processo de dominação por defesa, destrói a si e aos outros por não suportar²¹ a diferença. Ao recorrerem à proto-história biológica representada pela teoria freudiana, os autores retiram a ênfase do judeu propriamente dito e a concentram no desenvolvimento e individuação do ser humano praticado pelo esclarecimento ocidental, história que encontra no antissemitismo não uma situação isolada, mas o momento limite do processo de formação de uma racionalidade destruidora. Por isso, por mais que os judeus se apresentem como um grupo social dotado de características que “comprometem a universalidade existente em razão de sua adaptação deficiente”²², também lemos em DdA que as vítimas dessa racionalidade são intercambiáveis. Se “quem é escolhido para inimigo é percebido como inimigo”²³, é porque o antissemita, como a figura que simboliza o extremo da racionalidade esclarecida, não percebe a alteridade como um sujeito, mas vê no outro a ocasião de descarregar as pulsões agressivas e o ódio provenientes da situação de sofrimento, insegurança e desamparo humano. Assim, independente do grupo social em que o sujeito participe, qualquer pessoa criada conforme os ditames do esclarecimento pode ser tanto a vítima da racionalidade dominadora, quanto o agente da dominação:

A cólera é descarregada sobre os desamparados que chamam a atenção [*Die Wut entlädt sich auf den, der auffällt ohne Schutz*]. E como as vítimas são intercambiáveis segundo a conjuntura: vagabundos, judeus, protestantes, católicos, cada uma delas pode tomar o lugar do assassino, na mesma volúpia cega do homicídio, tão logo se converta na norma e se sinta poderosa enquanto tal [*Und wie die Opfer untereinander auswechselbar sind, je nach der Konstellation: Vagabunden, Juden, Protestanten, Katholiken, kann jedes*

²⁰ HORKHEIMER; ADORNO, “Dialética do Esclarecimento”, p. 141.

²¹ “Há aqui uma exploração da ambigüidade do verbo *leiden*: sofrer, suportar (como traduz Guido de Almeida). A frase remete à desculpa dos antissemitas: eles não suportam o outro (no caso, o judeu) por idiossincrasia, por uma espécie de alergia tão espontânea como particular que justificaria, por seu caráter natural incontrolável, a aversão” (GAGNEBIN, “Lembrar, escrever, esquecer”, pp. 86-7).

²² HORKHEIMER; ADORNO, “Dialética do Esclarecimento”, p. 140. Pioneiro do capitalismo, o judeu poderia ser caracterizado como pertencente a um grupo cuja posição econômica e social na Europa se mostra ao mesmo tempo conforme e igualmente contra o esclarecimento: “Pouco importa como são os judeus realmente; sua imagem, na medida em que é a imagem do que já foi superado, exhibe os traços aos quais a dominação totalitária só pode ser hostil: os traços da felicidade sem poder, da remuneração sem trabalho, da pátria sem fronteira, da religião sem mito. Esses traços são condenados pela dominação porque são a aspiração secreta dos dominados” (HORKHEIMER; ADORNO, “Dialética do Esclarecimento”, p. 164).

²³ HORKHEIMER; ADORNO, “Dialética do Esclarecimento”, p. 154.

von ihnen anstelle der Mörder treten, in derselben blinden Lust des Totschlags, sobald es als die Norm sich mächtig fühlt]. Não existe um genuíno antissemitismo e, certamente, não há nenhum antissemita nato [*geborenen*]²⁴.

Finalmente, devemos nos perguntar: afinal, qual o estatuto da paranoia na teoria sobre o antissemitismo exposta em DdA? A nosso ver, da mesma forma como para Freud o estudo de uma psicopatologia pode mostrar traços do desenvolvimento “normal” socialmente difundidos, pensamos que o recurso à paranoia como explicação comparativa do caso antissemita mostra como o sujeito da racionalidade esclarecida sofre de uma situação de recusa de realização de um modo de vida que favoreceria, se realizado, um encontro mais criativo com o diverso. Como um tipo de perigo que ronda a racionalidade – talvez com muita proximidade –, ao entendermos que a “paranoia é a sombra do conhecimento”, compreendemos que o mesmo perigo de absolutização de um pensamento dominador e inflexível paranoico apresenta-se também como a principal característica do esclarecimento. A sedução de um sistema de explicação aparentemente completo, sem brechas para a hesitação, mostra como a fragilidade do conhecimento que se quer dominador se organiza tal como uma patologia. Não queremos dizer, contudo, que todos os antissemitas são paranoicos. Mas queremos explicitar, portanto, como Horkheimer e Adorno elaboram um diagnóstico social cujo centro problemático se mostra calcado no tema da separação humana entre si mesmo e a alteridade, situação que encontra na conceituação filosófica da identidade e da diferença um campo de estudos privilegiado – o que, no fundo, é a questão principal colocada pela estrutura paranoica à psicanálise e ao conceito de “normalidade” em geral.

²⁴ HORKHEIMER; ADORNO, “Dialética do Esclarecimento”, p. 142.

Referências

GAGNEBIN, J. M. *Lembrar, escrever, esquecer*. São Paulo: Editora 34, 2006.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. *Dialektik der Aufklärung: Philosophische Fragmente*. Frankfurt am Main: Fischer, 1988.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor. *Dialética do Esclarecimento – Fragmentos Filosóficos*. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

NOBRE, Marcos; MARIN, Inara Luisa. Uma nova antropologia. Unidade crítica e arranjo interdisciplinar na Dialética do Esclarecimento. *Cadernos de Filosofia Alemã*, São Paulo, n. 20, p. 101-122, jul.-dez. 2012.

WIGGERSHAUS, Rolf. *A Escola de Frankfurt: história, desenvolvimento teórico, significação política*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.